



PROJETO REPAGINANDO: REFLEXÕES LITERÁRIAS ANTIRRACISTAS NO CONTEXTO PRISIONAL

REPAGINANDO PROJECT: ANTIRACIST LITERARY REFLECTIONS IN THE PRISON CONTEXT

Nicole Steffani dos Santos Miguel¹
Simone Mestre de Oliveira²

RESUMO: Este trabalho investiga a prática de leitura no contexto prisional feminino por meio de um clube de leitura. O estudo visa investigar como a participação no projeto de leitura pode ser uma ferramenta de autoconhecimento sobre temáticas como memória, raça, pertencimento e gênero, em uma perspectiva antirracista para as leitoras privadas de liberdade. Foi utilizada uma abordagem qualitativa com análise de resenhas das leitoras, a partir da leitura de três obras literárias mediadas pelo Projeto de Extensão Repaginando da Universidade Federal de São Carlos no Centro de Ressocialização Feminino de Araraquara entre os anos de 2023 a 2024. O estudo demonstrou que a prática de leitura no contexto de privação de liberdade, revela-se como um instrumento para promover a reflexão crítica e o empoderamento de mulheres negras e destacando a importância de práticas pedagógicas interseccionais no sistema prisional.

Palavras-chave: Remição pela leitura; Educação antirracista; Mulheres privadas de liberdade.

ABSTRACT: This study explores the practice of reading within a women's prison through a book club initiative. It aims to examine how participation in a reading project can serve as a tool for self-awareness on themes such as memory, race, belonging, and gender, from an antiracist perspective for incarcerated women. A qualitative approach was employed, analyzing participants' written reviews of three literary works discussed as part of the Repaginando Extension Project, conducted by the Federal University of São Carlos at the Araraquara Women's Resocialization Center between 2023 and 2024. The study demonstrated that reading in the context of incarceration can serve as a powerful instrument for fostering critical reflection and empowering Black women, highlighting the importance of intersectional pedagogical practices within the prison system.

Keywords: Sentence reduction through reading; Antiracist education; Incarcerated women.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a prática de leitura no contexto prisional feminino, abordando a leitura como um instrumento fundamental para a formação do pensamento crítico e dialógico, além de um meio para explorar o mundo e a própria identidade. A prática de leitura adquire um papel especial no sistema prisional, um ambiente de letramento que, embora fora dos espaços formais de educação, é resguardado pela Lei 12.433/2011 (2011), que garante o direito à educação nas prisões. A questão central que

¹ Graduanda em Pedagogia - Universidade Federal de São Carlos. E-mail: nicolesantos@estudante.ufscar.br

² Professora do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. E-mail: simonemestre@ufscar.br



orienta esta investigação é: Como a leitura no contexto prisional feminino pode promover reflexões sobre memória, raça, pertencimento e gênero? Entendendo que no contexto do cárcere as mulheres enfrentam desafios como a violência de gênero, racismo e exclusão social. Para tanto, a pesquisa irá se debruçar para um olhar analítico e interseccional para o Projeto Repaginando realizado no Centro de Ressocialização Feminino de Araraquara (CRFA), com base em observações realizadas entre os anos de 2023 e 2024.

Ao conhecer o projeto de extensão “Repaginando”, vinculado ao Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (DTPP) da Universidade Federal de São Carlos, que promove clubes de leitura em presídios femininos, percebeu-se a importância do projeto tanto como ferramenta de remição de pena quanto como um espaço de reflexão e troca de experiências. A partir disso, surgiram algumas questões pertinentes em relação ao projeto de leitura e as participantes, entre elas: Quais livros são lidos pelas participantes do clube? Qual a importância da leitura para essas mulheres? Essa leitura é significativa, respeitando os contextos e as vozes das participantes?

A participação no projeto iniciou-se em 2023, quando atuamos na organização de um sarau no CRFA. Esse encontro marcou o primeiro contato com as mulheres privadas de liberdade e possibilitou uma melhor compreensão do funcionamento do clube de leitura e suas potencialidades.

A escolha por abordar a leitura e os debates antirracistas no sistema prisional se justifica por diversos fatores, como:

- 1) O racismo, que no Brasil se manifesta nas situações cotidianas, no acesso à justiça, na representatividade política e institucional e nas desigualdades socioeconômicas;
- 2) A predominância de mulheres negras, representando 47,32% da população carcerária no CRFA (BRASIL, 2024);
- 3) A leitura como meio para a construção de conhecimento sobre diferentes conceitos, tempos, costumes e realidades, que, integrada à educação antirracista, amplia repertórios e enriquece o movimento de resgate e valorização da população negra;
- 4) A leitura como uma ferramenta que capacita as pessoas a darem voz e visibilidade às lutas, desafios e conquistas desses grupos, favorecendo uma análise crítica das estruturas sociais.

A partir desse recorte, outras perguntas foram sendo formuladas: de que forma a literatura étnico-racial influencia a percepção sobre identidade racial e a história? De que maneira as narrativas literárias refletem sobre o que significa ser mulher no sistema prisional e na sociedade?

Considerando a pergunta de pesquisa e os objetivos propostos, este artigo está organizado em três partes. Na primeira parte, é apresentado brevemente a fundamentação teórica, abordando a educação em espaços prisionais e discutindo a leitura como instrumento de redução da reincidência penal, em diálogo com os princípios da educação libertadora de Paulo Freire e bell hooks. Além disso, reflexões sobre o racismo e suas implicações na educação, conectando essas questões ao contexto prisional. A segunda parte concentra-se na apresentação de três obras literárias lidas pelas reclusas, no ano de



2024, com um recorte temático que explora temáticas como memórias, raça, gênero. Nessa seção, é destacado as reflexões das participantes a partir das resenhas escritas, evidenciando como os textos literários provocaram discussões e insights sobre essas questões.

Por fim, na terceira parte, é analisado os impactos da leitura no grupo e as contribuições desse processo para as reclusas e como a prática da leitura e a produção das resenhas auxiliaram na compreensão crítica dos temas discutidos e no fortalecimento de suas vozes enquanto agentes de suas histórias.

2 METODOLOGIA

O trabalho é uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico feita em duas etapas: primeira, uma revisão bibliográfica visando conhecer as pesquisas existentes sobre a temática e os conceitos para compreensão do contexto estudado. A segunda etapa consistiu na pesquisa de campo, realizada por meio do acompanhamento das atividades realizadas no Projeto Repaginando do período fevereiro a novembro de 2024.

Salienta-se que a etnografia embora seja um método próprio da Antropologia, Roberto Cardoso (1996), destaca que o trabalho etnográfico vem sendo utilizando em outras áreas das Ciências Humanas. O autor explica que uma etnografia como uma pesquisa social dever ter como caráter constitutivo o desenvolvimento do olhar, ouvir e escrever apreensão dos fenômenos sociais.

Para compreender o ambiente e as relações entre as leitoras e as mediações, priorizou-se a observação participante, visando exercitar o olhar, ouvir e escrever por meio da imersão no ambiente pesquisado, usado como uma ferramenta valiosa para compreender as dinâmicas e significados da leitura no sistema prisional, captando os sentidos que as participantes atribuem às rodas de leitura e as obras lidas

A observação participante foi focada em compreender como é a estrutura e rotina da roda de leitura, conhecer quais livros que foram trabalhados, como as falas das leitoras foram percebidas e descritas a partir do olhar etnográfico de estranhamento e descobrimento e identificação de como os livros impactaram elas na roda e depois a partir das resenhas.

Na experiência de campo, o primeiro passo foi participar como mediadora desde a leitura do livro até o planejamento do roteiro e aprender a fazer mediações com as coordenadoras do projeto.

Trabalhar a partir da etnografia, compreende-se ainda que o esforço metodológico deste trabalho reside no que Magnani (2009) posiciona como “experiência etnógrafa”. Esta que foi constituída a partir da participação ativa nas atividades do Projeto e consequentemente baseadas em dois pressupostos defendidos pelo autor, que a etnografia é construída conforme as interações entre as pessoas que integram os projetos (tanto leitoras, como mediadoras) e nas suas vivências e trocas dialógicas. Esta que foi constituída a partir da participação ativa nas atividades do Projeto e consequentemente baseadas em dois pressupostos defendidos pelo autor, que a etnografia é construída



conforme as interações e vivências entre as pessoas que integram os projetos (tanto leitoras, como mediadoras) e nas suas vivências e trocas dialógicas.

No caso desta pesquisa, a abordagem etnográfica é realizada no foco na observação das relações entre as pessoas que integram os projetos (leitoras e mediadoras) e nas suas trocas dialógicas, bem como as resenhas produzidas pelas leitoras. Esse enfoque se mostrou relevante para investigar como as práticas de leitura no cárcere influenciam a formação crítica e reflexiva das mulheres reclusas, além de possibilitar a análise de como a leitura pode ser vivenciada como uma prática transformadora.

2.1 Revisão Bibliográfica

Para o desenvolvimento desse trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica, utilizando os seguintes descritores: “prática de leitura no sistema prisional”, “sistema prisional” e “encarceramento feminino e remição de pena”. A partir dos resultados encontrados, foram selecionados artigos que tratam de temas como educação, prática de leitura e encarceramento feminino, os quais forneceram a base teórica para o aprofundamento do estudo.

A revisão bibliográfica desempenhou um papel essencial na formulação de hipóteses e pergunta desse trabalho pois ao considerar que a categoria de criminoso é frequentemente marcada por questões de raça, classe e gênero (MACACARI, 2023), surge a reflexão sobre a importância de ler autores negros que discutem temas como raça, memória e identidade e também a que se destina e o que busca a ressocialização por meio da leitura.

Para uma compreensão mais abrangente do que são os projetos de leitura no sistema penitenciário, Corrêa (2023) destaca a Lei nº 12.433/2011, que estabelece a remição de pena por meio de práticas socioeducativas e onde foram estabelecidas as principais diretrizes do projeto, que incluem: participação voluntária, disponibilidade de exemplares para os participantes, prazo de 21 a 30 dias para a leitura de cada livro, exigência de apresentação de uma resenha sobre o tema do livro, remição de quatro dias de pena por obra lida e um limite de até 12 livros lidos por ano (GODINHO; JULIÃO, 2021). Entretanto, Corrêa (2023) evidencia a falta de uniformidade no sistema prisional, observando distintas abordagens de gestão em cada unidade escolar nos estados brasileiros.

Para enriquecer a discussão apresentada por Corrêa, Godinho e Julião abordam o papel da leitura na política de execução penal, reconhecendo-a como uma prática social fundamental (GODINHO; JULIÃO, 2021, p. 3). As autoras lançam luz sobre a importância dos letramentos sociais e reforçam a leitura como um direito humano essencial. No entanto, elas também identificam algumas dificuldades que prejudicam a efetividade do projeto, sendo uma delas a escassez de um acervo abrangente de obras literárias, uma vez que “para ler livros, é necessário que haja livros” (GODINHO; JULIÃO, 2021, p. 8). Além disso, apontam que os projetos de remição de pena pela leitura estão em descompasso com o nível educacional predominante entre a população



carcerária, visto que a maioria não concluiu sua educação formal, o que pode impactar negativamente na quantidade de resenhas aprovadas para remição.

Na análise de Kleiman e Santos-Marques (2023), a leitura é reconhecida como um instrumento de luta e resistência, no qual as participantes podem expressar suas vozes e promover a conscientização sobre diversas questões. Além disso, projetos como este pretendem “valorizar as experiências e os saberes dos educandos, legitimando sua cultura e fortalecendo aspectos identitários” (KLEIMAN; SANTOS-MARQUES, 2023, p. 9).

As autoras destacam que os projetos de leitura precisam revisar suas políticas de letramento, a fim de ampliar a capacidade leitora das participantes e contribuir de maneira eficaz para o desenvolvimento de sua consciência crítica. Pois como é desenvolvido o trabalho de leitura e escrita no sistema prisional, advém de uma estratégia muito utilizada nas escolas, com o objetivo mecânico de transcrever ou decorar uma história para conseguir reproduzir uma resenha, ou seja, não visa o letramento em uma perspectiva baseada na formação crítica.

Um ponto importante para aprofundar a compreensão da leitura nesse espaço de privação de liberdade, é a compreensão dialógica como uma “forma de produção de conhecimento crítico, reflexão e formação identitária” afirmada por Bosco (2021, p. 18). O que se destaca e potencializa a análise das obras literárias é a prática da discussão em grupo, que promove uma troca enriquecedora de conhecimentos, pensamentos e experiências entre as participantes. A leitura e o encontro são uma forma de empoderamento que exercer a maneira de pensar e agir de forma crítica (BOSCO, 2021, p. 46). A leitura e os encontros tornam-se, assim, instrumentos de empoderamento, capacitando as pessoas para o exercício do pensamento crítico e da ação reflexiva (BOSCO, 2021, p. 46).

Ao analisar os documentos, há diversos questionamentos se a leitura serve somente para “desinchar” o cárcere ou se o alcance do projeto vai além das resenhas a serem feitas. Dessa forma, além de compreender o papel da leitura, é crucial entender o papel dos encontros em grupo e das mediações realizadas, pois juntos proporcionam reflexão e conscientização. A leitura não age isoladamente; é o contexto educacional do projeto que desempenha um papel transformador.

Os dados desse trabalho serão tratados visando compreender a prática da leitura como uma possibilidade de formação de mulheres críticas e reflexivas no contexto prisional. No entanto, ao explorar esse tema, identificam-se lacunas importantes na literatura existente, como a falta de investigações aprofundadas sobre o acesso a livros por parte dos projetos de leitura e sobre como essa prática de leitura impacta suas vivências e processos formativos durante e após o período de encarceramento.

Esse levantamento reforça a necessidade de estudos que ampliem a compreensão sobre o papel da leitura no cárcere, não apenas como uma estratégia de remição de pena, mas como uma ferramenta essencial para transformação pessoal e social, alinhando-se aos direitos humanos e às políticas públicas voltadas à educação em contextos de privação de liberdade.



2.2 Trabalho de campo

A coleta de dados da pesquisa de campo foi realizada por meio da observação participante e de intervenção nas mediações dos livros, durante o período de fevereiro a novembro de 2024 no CRFA. A observação participante é a técnica que possibilita o registro das percepções e interações das mulheres em relação aos livros e aos temas abordados nas leituras. A presença ativa no contexto permitiu captar nuances das práticas de leitura, incluindo as trocas de ideias e os momentos de reflexão coletiva e/ou individuais. Essa imersão foi crucial para compreender como as leitoras perceberam e ressignificaram os conteúdos literários em suas vivências.

Além disso, foi realizada uma análise documental das resenhas escritas pelas participantes, visando identificar elementos que reflitam sua compreensão e envolvimento com os textos lidos. Essa análise buscou evidenciar indícios de pontos de atenção que chamaram a atenção das leitoras, como referências a identidade, negritude, sentimentos ou reflexões críticas. Essa etapa complementar à observação participante, oferecendo uma perspectiva mais detalhada sobre as interpretações individuais e coletivas das leituras realizadas.

Ao combinar as técnicas de pesquisa da observação participante junto a análise documental, esse trabalho articulou as práticas e percepções das participantes com um olhar crítico e aprofundado, alinhando-se ao objetivo de compreender os significados atribuídos à leitura no contexto prisional e sua relação com a formação crítica e emancipatória dessas mulheres.

3 PRÁTICA DE LEITURA EM CONTEXTOS PRISIONAIS: BREVE REFLEXÃO

A educação em espaços prisionais é regulamentada pela Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984) e conforme as notas técnicas nº 1/2020 e nº 72/2021, elaboradas pelo Departamento Penitenciário Nacional em conjunto com o Conselho Nacional de Justiça e os Órgãos Estaduais de Administração Penitenciária, destaca-se procedimentos das ações de leitura e estabelece a responsabilidade do Estado em prestar assistência ao preso e “orientar o retorno à convivência em sociedade”, incluindo a assistência educacional (Cap. 2, seção 1, art. 10 e art. 11).

Com a promulgação da Lei Federal 12.433/2011, no art. 126 (BRASIL, 2011), ficou estabelecido que “o condenado que cumpre pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena.”. Sendo assim a remição de pena pela leitura é reconhecida e instituída com diversas práticas, como uma atividade educacional válida para o cálculo da redução da pena em 26 estados e no Distrito Federal (DEPEN, 2020).

Existem programas de incentivo à leitura que são implementados nas unidades prisionais, com o objetivo de organizar parcerias entre órgãos governamentais e projetos de leitura. Para a pessoa reclusa conseguir os dias de remição pela leitura, é necessário participar de um projeto específico. Nesse projeto, uma obra literária é selecionada e deve



ser lida no prazo de 30 dias. Após a leitura, a participante elabora uma resenha que comprove a leitura da obra, sendo esta avaliada e apresentada ao juiz da execução penal, juntamente com um parecer técnico. Nesse contexto, a cada livro lido, a pessoa reclusa pode reduzir 4 dias de sua pena, sendo o tempo remido considerado pena cumprida.

No estado de São Paulo, mais especificamente na cidade de Araraquara, onde foi realizada a pesquisa de campo, a FUNAP (Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel”) promove o programa de incentivo à leitura chamado “Lendo a Liberdade”. Esse programa apoia projetos como o Repaginando, que realiza leituras dirigidas por meio de mediações, indicando obras, promovendo discussões literárias e reflexões sociais relevantes. Essas atividades têm o objetivo de colaborar para a produção das resenhas escritas pelas leitoras individualmente, contribuindo para a remição de pena e para sua formação educacional.

3.1 A prática crítica de leitura e seus impactos

Baseado na perspectiva de Paulo Freire e bell hooks³, que entendem o sujeito como histórico, cultural e político, formado por meio de interações dialógicas, é que se faz a importância da roda de conversa nos projetos de leitura. Segundo Freire e hooks, o espaço de aprendizagem deve ser um espaço de interação horizontal, onde o conhecimento existente é reconhecido e ressignificado coletivamente. Para hooks, esse ambiente humanizador é essencial para superar opressões históricas e culturais, enquanto Freire enfatiza a construção da consciência crítica como ferramenta de transformação (FREIRE, 1996; HOOKS, 2020).

Quando aplicada ao sistema prisional, essa abordagem revela a potencialidade do diálogo como um elemento crucial na transformação das reclusas. Por meio da leitura e das discussões que ela promove, cria-se um ambiente de aprendizagem que vai além do conteúdo acadêmico, estimulando reflexões sobre condições de vida, experiências pessoais e possibilidades de mudança, essa prática em conjunto reforça que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2019, p. 63).

Promover o diálogo nesse contexto possibilita que as leitoras expressem suas vozes e reflitam sobre suas ações, utilizando a educação como um caminho para o desenvolvimento pessoal, social e emocional. A leitura, enquanto prática educativa e dialógica em uma perspectiva crítica, não só amplia horizontes, mas também oferece ferramentas para que essas mulheres reconheçam suas realidades e se engajem em processos de transformação pessoal e social

3.2 O racismo e suas implicações no sistema prisional

Ao adentrar e pesquisar o sistema prisional brasileiro, 63,96% da população carcerária é composta por pessoas negras e jovens (BRASIL, 2024). Essa realidade reflete

³ O nome da autora é escrito em letras minúsculas por um posicionamento político e intelectual.



o passado escravocrata do Brasil, um país fundamentado em uma ideologia racista, cuja estrutura social e política foi erguida sobre a exploração dos corpos negros escravizados, que historicamente foram submetidos ao controle e à punição sistemática, dessa forma, o racismo atua como uma “mão invisível”, perpetuando desigualdades e exclusões (BORGES, 2019, p. 20 - 21).

No livro *Encarceramento em Massa* (2019), a pesquisadora Juliana Borges argumenta que o sistema penal brasileiro é, essencialmente, uma extensão das estruturas racistas que marcaram a história do país, dessa forma, ela cita, que como destacado por Ana Flauzina, o racismo se configura de forma estrutural visando abranger:

ideologias racistas, as atitudes fundadas nos preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e as práticas institucionalizadas que provocam a desigualdade racial, assim como a falsa ideia de que as relações discriminatórias entre grupos são moral e cientificamente justificáveis; manifesta-se por meio de disposições legislativas ou regulamentárias e práticas discriminatórias, assim como por meio de crenças e atos antissociais; cria obstáculos ao desenvolvimento de suas vítimas, perverte quem o põe em prática, divide as nações em seu próprio seio, constitui um obstáculo para a cooperação internacional e cria tensões políticas entre os povos; é contrário aos princípios fundamentais do direito internacional e, por conseguinte, perturba gravemente a paz e a segurança internacionais (FLAUZINA, 2008 apud BORGES, 2019, p. 39-40).

Essa perpetuação de desigualdades vai além da questão racial, envolvendo também questões de gênero. Como defende bell hooks (2020), o racismo e o sexismo operam conjuntamente para criar experiências de opressão diferenciadas para mulheres negras. Ao analisar as trajetórias de mulheres encarceradas, percebe-se que elas enfrentam “uma dupla invisibilidade, tanto pela invisibilidade da prisão quanto pelo fato de serem mulheres” (BORGES, 2019, p. 61). Esse panorama evidencia a relação das opressões, que reforçam o papel do sistema prisional como um mecanismo de exclusão e controle social pautado em desigualdades estruturais.

4 O PROJETO REPAGINANDO

O projeto Repaginando é um projeto de extensão vinculado a Universidade Federal de São Carlos, e é coordenado por mulheres voluntárias, tanto da universidade como da comunidade externa. Seu principal objetivo é criar e manter clubes de leitura em presídios femininos, promovendo a leitura como uma ferramenta de reflexão e desenvolvimento pessoal, atuando no Centro de Ressocialização de Araraquara e nos presídios de Ribeirão Preto e Mogi Guaçu.

As atividades do projeto são organizadas em dois grupos principais: as mediadoras e as pareceristas. As mediadoras fazem a curadoria dos livros que serão trabalhados durante o ano em cada instituição e atuam diretamente nos presídios e centros de ressocialização, realizando dois encontros por mês. No primeiro encontro do mês, elas



conduzem uma roda de conversa sobre o livro escolhido, utilizando um roteiro elaborado para explorar a história e os principais aspectos da obra. No segundo encontro, orientam as leitoras na produção das resenhas e conversam sobre as críticas sociais do livro. Já as pareceristas são responsáveis por elaborar os pareceres das resenhas, que são enviados ao juiz como parte do processo de acompanhamento das participantes.

Para o trabalho de leitura, o projeto seleciona 10 livros para serem trabalhados de fevereiro a novembro nas instituições prisionais. Esses livros são selecionados de acordo com a disponibilidade das obras no acervo, de temas e autores diversos e livros não muito extensos. Em 2024 os livros trabalhados no Centro de Ressocialização Feminino de Araraquara foram:

Quadro 1 – Livros trabalhados no ano de 2024 no projeto.

Autor	Título	Ano de Publicação
Conceição Evaristo	Ponciá Vicêncio	2020
Índigo	Cobras em Compota	2015
Carolina Maria de Jesus	Quarto de Despejo	2015
Socorro Acioli	A cabeça do Santo	2014
Débora Goldemberg	Antônio descobre Veredas	2014
Hervé Jaouen	Para não esquecer	2006
Ricardo Azevedo	Pobre Corinthiano Careca	1995
Ariano Suassuna	Auto da Compadecida	2018
Teresa Cárdenas	Cachorro Velho	2010
Ana Cristina Martes	Sobre o que não falamos	2023

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025

4.1 Análise dos livros

A partir dos livros lidos durante 2024 pelas participantes do projeto e das observações nas mediações, três obras foram destacadas para evidenciar como a literatura reflete e reinterpreta os impactos históricos e sociais da questão racial em distintas realidades. A tabela a seguir apresenta uma análise comparativa dessas obras literárias que dialogam com a perpetuação da escravidão e suas consequências na construção da identidade e dignidade da população negra. A seguir apresentamos uma tabela com uma síntese das obras trabalhadas.

Quadro 2 – Análise e descrição das obras.

Obra e Autor	Tempo e Lugar	Descrição da obra	Temas e questões para debate
Ponciá Vicêncio (2020)	Fim do sec. XIX - Zona Rural	Ponciá é uma mulher negra que enfrenta dificuldades na vida no interior de Minas, desde sua infância marcada pela pobreza e pela	1. Luta pela preservação da memória; 2. Identidade - quem sou eu? 3. O que o lugar em que vivo diz? 4. A perpetuação da condição de



Conceição Evaristo	do Brasil	discriminação até sua vida adulta. Ela busca por uma existência digna e pela construção de sua identidade, enfrentando desafios como a migração para a cidade grande e a busca por reconhecimento e pertencimento.	escravizados. Mesmo estando livres, continuavam vendendo seu trabalho em troca de sobrevivência; 5. Qual é experiência de ser mulher negra no Brasil?
Quarto Delejo (2015) Carolina Maria de Jesus	Favela do Candidê – SP nos anos de 1955 a 1960	Um compilado de diários, escritos durante cinco anos, de uma catadora de lixo, que vive na zona norte de São Paulo, com seus três filhos. Por ser uma escrita extremamente pessoal, relata no diário as dificuldades para contornar a fome e a falta de dinheiro.	1. O que é ser uma mulher negra no Brasil? O que a escrivência de Carolina nos mostra? 2. Discriminação Racial: Como uma mulher negra vivendo na favela, Carolina experimenta e retrata a discriminação racial enfrentada por ela e por outros moradores negros, que são frequentemente marginalizados e menosprezados pela sociedade mais ampla; 3. Desigualdade de Gênero: Carolina também aborda a vulnerabilidade das mulheres na favela, onde muitas são vítimas de violência doméstica e exploração. Ela mesma, como mãe solteira, enfrenta estigmas e desafios.
Cachorro Velho (2010) Teresa Cárdenas	Engenho de açúcar, durante o período de escravidão em Cuba	Cachorro Velho é um escravo idoso que desempenha a função de porteiro no engenho e que vive em suas lembranças sobre os companheiros que perdeu ao longo dos anos, em episódios de violência de revolta ou mesmo acidentes. Ao longo de suas memórias, ele busca reconstituir a lembrança de sua mãe e de seu nome dado por ela, mas perdido ao longo do tempo	1. A narrativa se desenvolve através da reflexão sobre o apagamento da memória; 2. Literatura pós-colonial: o colonizado conta sua própria história, expondo as profundas marcas da violência física e moral da escravidão; 3. Identidade (quem sou eu, qual o meu nome, de que lugar eu vim? – o personagem sempre se remete a África); 4. Medo de se sentir livre – nunca conheceu outra realidade; 5. A memória é instrumento de poder e libertação, é um caminho para tecer uma nova identidade, um



			caminho para a resistência.
--	--	--	-----------------------------

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025.

Neste trabalho, o conceito de interseccionalidade é indispensável para estabelecer conexões entre as obras escolhidas para análise, as leitoras e o contexto prisional. A interseccionalidade é uma abordagem teórico-metodológico de análise das desigualdades e diferenças sociais que considera múltiplas camadas de opressão que atuam simultaneamente sobre determinados grupos. Carla Akotirene define a interseccionalidade como:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 14)

Ou seja, a partir da interseccionalidade, compreendemos que certos fardos históricos não podem ser explicados por uma única categoria de análise.

No livro *Pensamento Feminista Negro* (2019), Patrícia Hill Collins expande essa noção ao introduzir o conceito de "matriz de dominação", que evidencia como diferentes sistemas de poder — racismo, sexismo e capitalismo — operam simultaneamente para estruturar as desigualdades sociais.

Com base nessa perspectiva, ao analisar as três obras selecionadas, percebe-se nelas o cruzamento de múltiplas formas de opressão. Percebe-se que as escritoras destacam aspectos semelhantes em suas narrativas, como o espaço – tempo e a relação entre raça e classe social.

No aspecto espaço-tempo, as obras abrangem o contexto da América Latina, a partir dessa perspectiva, é possível observar que a história de países marcados pela escravidão, como o Brasil, ainda carrega as cicatrizes da violência sofrida pela população negra. Essa trajetória revela a constante luta por dignidade, sobrevivência e a construção de uma identidade coletiva.

Durante as mediações, outro aspecto essencial destacado foi a relação entre raça e classe social, demonstrando como, historicamente, as categorias raciais foram utilizadas para classificar e hierarquizar a posição social das pessoas no Brasil. Essa intersecção é fundamental para compreender as desigualdades contemporâneas e como elas são socialmente construídas (GUIMARÃES, 2008).

Nesse contexto, é indispensável resgatar a memória histórica da população negra para compreender o presente. Esse tema se faz recorrente nas obras analisadas, seja por meio de relatos cotidianos e pessoais, como em *Quarto de Despejo*, ou na representação ficcional de vivências marcadas pelo racismo e a escravidão, como em *Cachorro Velho* e *Ponciá Vicêncio*.

Outro aspecto relevante a ser analisado é que as obras foram escritas por mulheres



negras, o que reforça o papel da escrita como um instrumento de resistência e valorização das experiências históricas e sociais dessa população. Nesse sentido, a ideia de escrevivência, desenvolvida por Evaristo (1995), é central para compreender como essas autoras utilizam a literatura como um espaço de expressão e luta contra as opressões históricas.

Conforme Evaristo afirma:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p. 30)

Nas obras analisadas, pode-se observar como essa escrita reflete as vivências de mulheres que desafiam o olhar colonizador, propondo novas formas de narrar o passado e o presente. Ao dar voz às histórias silenciadas, essas autoras criam um espaço de empoderamento e valorização de sua identidade cultural e de gênero. Portanto, a literatura dessas mulheres negras não apenas rompe com as amarras do passado, mas projeta novas possibilidades para o futuro, reafirmando a importância da escrita como uma ferramenta de luta e reconstrução de histórias que, por tanto tempo, foram marginalizadas.

Dessa forma, a escrevivência se conecta com a identidade, pois ao recontar histórias pessoais, a escrita transcende o indivíduo e se torna um instrumento de identidade coletiva, se tornando um ato de resistência, que atuam como testemunhos que desafiam a ditadura das imagens coletivas estigmatizadoras e um olhar colonizado, abrindo espaço para que histórias subalternas sejam ouvidas e valorizadas.

Ao recuperar experiências históricas que foram frequentemente marginalizadas, participamos da reconstrução da história de maneira crítica. Para Halbwachs, a memória é um processo de reconhecimento e reconstrução, elementos indispensáveis para a construção de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990 apud SCHMIDT; MAHFOUD, 1993) na qual se adapta às necessidades e crenças do presente, permitindo que o passado seja reinterpretado de maneira que reflita as preocupações atuais, pois “estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro” (HOOKS, 2019, p. 35).

Sendo assim, através da leitura dos livros e das mediações amplia-se o entendimento sobre o passado e suas conexões com as desigualdades atuais, pois “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288).

4.2 Reflexões a partir das resenhas



A partir das resenhas⁴ escritas percebe-se de que forma as obras provocaram reflexões sobre os temas como identidade, memória e resistência. Ao todo foram analisadas 54 resenhas das leitoras.

Em Ponciá Vicêncio, destaca-se a história da identidade da personagem, marcada pela força simbólica de seu nome e pelo lugar de origem, ambos carregados de memórias de um passado escravocrata. A narrativa se constrói pelas marcas de opressão e pela potência de uma mulher negra, que luta para achar sentido em sua vida.

Nas mediações realizadas, ficou evidente a facilidade que as reclusas tiveram de se conectar com a personagem. Seja por sua origem humilde, seu sonho de migrar para a cidade grande em busca de uma vida melhor, por ser mulher e ter de tomar as decisões da vida sozinha e pela busca de algum sentido para a vida. Esses pontos ressaltam como a obra dialoga com as vivências das reclusas e como elas interpretam e internalizam a própria obra em seu entendimento.

As observações feitas durante as mediações reforçam essa conexão. Como relatado no diário:

as leitoras do grupo apresentaram uma percepção profunda sobre o livro, como: ao falar de identidade, falaram sobre ‘se perder para se achar’, ‘achar o próprio lar’ e ‘coragem para se permitir’; falaram do papel da mulher, principalmente do papel da mãe da personagem principal que decidia as coisas da casa e da vida; do poder do branco sobre o negro ao mencionarem que mesmo com o fim da escravidão, o pai e o irmão continuaram trabalhando para o senhor branco; e por fim mencionaram ‘o que é viver?’ pois elas se conectaram com a personagem quando menciona: “não tinha vontade de viver, nem coragem de morrer”, uma das reclusas mencionou que essa frase definia a vida dela dentro da prisão (Diário de observação – Nicole Steffani dos Santos Miguel, 28/02/2024).

Essa profundidade também está evidente nas resenhas escritas pelas mulheres em privação de liberdade que participam do projeto Repaginando, que revelam percepções sensíveis e reflexivas sobre a obra:

havia muito tempo que não lia um texto que captasse tão sinceramente os elos de ternura e afeição entre os personagens e que simultaneamente trabalhasse a linguagem de forma bastante poética expressando tanto a ânsia de diferir sua identidade num ambiente marcado pelas diferenças econômicas, sociais e raciais (Resenha 1).

mulher, preta e neta de escravos que aprendeu a ler e escrever e nunca

⁴ As resenhas citadas foram elaboradas pelas reclusas no contexto do projeto de leitura mediada. Por questões de privacidade e segurança, os nomes das autoras não foram mencionados. As reflexões destacadas têm como finalidade única ilustrar o impacto da leitura nos temas abordados no trabalho.



desistiu de encontrar a vida livre (...) gostei do livro, pois aborda uma boa reflexão de persistência e traz a debates importantes a serem discutidos, enfrentando os resquícios da ignorância social, do racismo e da desigualdade (Resenha 2).

gostei do livro pois nos encoraja a nos reconhecer e nos entender, nos achar dentro de nós e buscar a verdadeira felicidade (...) em relação a sociedade, vejo que a herança é a chaga do sofrimento de um povo negro que vive até hoje uma desigualdade social (Resenha 3).

onde a sociedade permite desigualdades e preconceitos acaba reprimindo a evolução e a liberdade, ainda vivemos em uma sociedade que necessita de muito, para conseguir a equidade (...) gostei da leitura que não trata apenas do tema racial, mas também da questão de força de vontade e descobrimento (Resenha 4).

No livro Quarto de Despejo, a narrativa diária de uma mãe negra criando seus três filhos em uma favela tocou profundamente as reclusas. O impacto se deu tanto pela abordagem política dos problemas vividos por Carolina quanto pela maneira como ela enfrentava e rebatia a luta diária.

O livro traz uma poderosa reflexão sobre negritude, destacando a força de uma mulher que, apesar das circunstâncias adversas, conseguiu se amar e afirmar sua identidade: “Carolina não tinha vergonha da sua cor, do seu cabelo, por outro lado, ela amava” (Resenha 5).

Além disso, Carolina se destacou como uma mulher guerreira, forte e independente para sua época, conforme apontado por uma das participantes: “uma mulher com pensamento revolucionário e feminista para sua época (...) eu amei o livro, a postura de Carolina em relação as outras mulheres era de muita inteligência emocional, sua leveza e modo de viver me cativaram” (Resenha 5).

A postura política de Carolina também marcou a leitura das reclusas, evidenciando a amplitude de suas críticas sociais e inspiraram reflexões:

é um campo bem vasto de críticas sociais que o Diário abrange, até porque se trata de uma realidade de pessoas que são o centro de muitas injustiças e problemas, mas a maior deles é o preconceito e a discriminação (Resenha 6).

Os mandamentos da pobreza, seguida da falta de moradia e a fome ainda após 69 anos, é ignorada pelos, que se dizem comandar o país (Resenha 7).

Eu gostei bastante do livro, pois através desse diário de Carolina podemos ver o quanto ela lutou e batalhou contra a fome, o quanto no mundo de hoje muitas pessoas não dão valor pelo muito que tem, o tanto



que ela foi mãe e guerreira, que apesar das dificuldades vivenciadas ela não desistiu do maior sonho dela, que ela possa servir de inspiração para muitos brasileiros pobres a não desistir dos seus sonhos por mais difícil que seja (Resenha 8).

Durante a mediação, também foi destacada a riqueza da escrita de Carolina, bem como sua forma única de enxergar o mundo. Um momento marcante da mediação ilustrou bem esse ponto:

Algo que achei muito rico, foi a fala de uma reclusa: ‘o conhecimento a gente não aprende só na escola, tem coisas que a gente aprende vivendo mesmo’, essa fala veio de uma reflexão sobre as palavras bonitas e cheias de sabedoria que Carolina escreveu. Para finalizar o encontro, uma reclusa pediu para cantar uma música que falava sobre sua negritude, pois se sentiu tocada ao ler o livro. Foi um momento muito bonito, a música falava sobre ser mulher, sobre resistência e vida. Enquanto ela cantava, olhei para o grupo, algumas batiam palmas para acompanhar a melodia, algumas sorriam, outras estavam sérias, mas prestando atenção na letra (Diário de observação - Nicole Steffani dos Santos Miguel, 30/04/2024).

Já em *Cachorro Velho*, a narrativa conta a história de um homem que nasceu escravo. Nesse livro muitas questões foram levantadas, em primeiro lugar uma palavra que teve destaque nas mediações foi “liberdade”. Duas frases marcaram a mediação: “Cachorro velho teve sua liberdade com a morte?” e “Aqui é como uma senzala né? Pois não temos liberdade”.

Na mediação houve vários momentos de sensibilização, segue relato:

A leitura desse livro é sensível, muitas reclusas relataram que não gostaram do livro, pois acharam muito triste os fatos contados. Ao falar sobre a escravidão, para dar um contexto mais amplo para elas, comentei sobre uma guerra de narrativas e memórias. Perguntei para elas se lembravam como essa narrativa era retratada na escola, se era contada por uma pessoa branca ou uma pessoa negra. Uma das reclusas, uma mulher negra, fez alguns comentários, na qual o sentimento de revolta se fez presente. Revolta de histórias como a do *Cachorro Velho* serem reais e marcadas no nosso país, mas não lembradas, não valorizadas. (Diário de observação - Nicole Steffani dos Santos Miguel, 06/11/2024).

Diferente do livro *Quarto de Despejo*, esse traz uma crítica social única, voltada para a escravidão e suas consequências, nas resenhas as reclusas expressaram um pouco das reflexões feitas na mediação:



muito bom esse livro relatando a realidade dos nossos antepassados. Mas infelizmente em nossa sociedade no dia a dia o racismo é gritante e por incrível que pareça ainda existem pessoas em situação de escravidão, lamentável. (Resenha 9).

excelente leitura, que aborda o tema de maneira simples, de fácil entendimento, e que nos faz refletir sobre como é visto os negros nos dias de hoje, o racismo estrutural (...), é um trabalho de reeducação social, onde abordar o tema e discuti-lo é fundamental para a sua erradicação (Resenha 10).

não gostei muito do livro porque é judiação demais e realmente fiquei muito triste com tanta crueldade e preconceito, que realmente até hoje está acontecendo, racismo e preconceito que não acabam mais (Resenha 11).

eu gostei do livro, porque conta a história da cultura e do sofrimento que os escravos sofreram, que tem que sempre ser lembrado, para que um dia a escravidão acabe verdadeiramente (Resenha 12).

no mundo em que vivemos até hoje sofremos o racismo, fala-se muito no fim da escravidão, mais em muitos países se vê ainda, o preconceito na sua cor de pele, no seu cabelo até no seu falar (Resenha 13).

Assim, a obra não apenas resgata memórias históricas, mas também provocou reflexões sobre o racismo e suas manifestações contemporâneas. A leitura do livro, apesar de dura, gerou discussões enriquecedoras sobre a importância de relembrar essas histórias como forma de luta contra as desigualdades e discriminações que ainda persistem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as obras e as reflexões apresentadas nas resenhas, guiadas por uma perspectiva interseccional — ou seja, construídas a partir de experiências que interagem simultaneamente com as opressões de gênero, raça e classe —, percebe-se como a prática da leitura e a produção das resenhas contribuíram para a compreensão crítica dos temas discutidos e para o fortalecimento das vozes das participantes. Com as vivências das personagens Carolina, Ponciá e Cachorro Velho, as leitoras puderam entender melhor como o racismo, o sexismo e a pobreza estruturam as trajetórias na sociedade. A frase de uma reclusa, mencionada em uma das mediações — “Aqui é como uma senzala, né? Pois não temos liberdade” — demonstra a capacidade da leitura de provocar reflexões profundas sobre opressões históricas que continuam a se manifestar na experiência prisional.

A leitura de autoras negras ofereceu às mulheres em privação de liberdade não apenas uma possibilidade para revisar sua autoestima e identidade, frequentemente



fragilizadas pelas interseções de opressão que vivenciam, mas também para resgatar a memória e tomar consciência crítica dessas amarras e desdobramentos.

Dessa forma, a prática de leitura no contexto prisional pode se tornar uma ferramenta de empoderamento feminino e antirracista, pois a partir da escolha de obras escritas por mulheres negras, tornou-se uma ferramenta pedagógica que desconstrói estereótipos raciais, pois ao explorar personagens complexos que humanizam as mulheres negras e suas lutas, essas leituras ajudam a questionar a representação de pessoas negras na sociedade.

Além disso, fortalecem uma perspectiva interseccional, à medida que as narrativas abordam as múltiplas formas de opressão vividas por pessoas negras e como essas opressões se cruzam, abrindo espaço para reflexões e apoio mútuo entre elas. Por fim, conectam o pessoal ao político: ao abordar questões como violência, exclusão e desigualdade, a leitura incentiva as reclusas a reconhecer que suas histórias individuais fazem parte de sistemas sociais mais amplos, encorajando ações coletivas.

Embora existam muitos desafios e barreiras nesse contexto, o projeto Repaginando se demonstrou ser um espaço de acolhimento e um espaço educativo de formação crítica. Uma vez que ao pautar e abordar temas como os debatidos nos livros citados, contribui para construção de práticas educacionais antirracistas, que reconhecem as necessidades de promover iniciativas educativas de cunho interseccional em contextos prisionais.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro - Pólen, 2019.

BATISTA-SANTOS, D. O.; BOSCO, J.C. D. A leitura como prática emancipatória em contexto penitenciário: um estudo à luz da linguística aplicada. **Revista Gragoatá**, v. 28, n. 60, p. e –53209, 2023.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro - Pólen, 2019.

BOSCO, J.C. D. **A leitura dialógica em contexto penitenciário: vozes femininas que ecoam responsivamente na construção de sentidos**. 2021. (Dissertação) — Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. 1984. Diário Oficial da União. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm>. Acesso em: 26 de dezembro de 2024.

BRASIL. Lei nº 12.433, de 29 de junho de 2011. 2011. Diário Oficial da União. Altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou trabalho. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2011/lei/112433.htm>. Acesso em: 26 de dezembro de 2024.



BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Políticas Penais. Relatório estatístico do sistema penitenciário: 16º ciclo SISDEPEN - janeiro a Junho de 2024. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2024.

CÁRDENAS, Teresa. **Cachorro velho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010. Tradução de Heloisa Jahn.

CONCEIÇÃO, Conceição Evaristo. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

CORRÊA, M. A aplicação da remição de pena pela leitura: Discursos e práticas. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 16, 2023.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019. Tradução de Heci Regina Candiani.

DEPEN – DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Nota Técnica n.º 1/2020/GAB-DEPEN/DEPEN/MJ. Processo n.º 08016.019685/2019-19. Brasília: Ministério da Justiça, 2020.

DEPEN – DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Nota Técnica n.º 72/2021/COECE/CGCAP/DIRPP/DEPEN/MJ. Processo n.º 08016.019685/2019-19. Brasília: Ministério da Justiça, 2021.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R.; LOPES, G. (Ed.). **Escrevivência: A Escrita de Nós**. Rio de Janeiro: Mina Editorial, 2020. p. 26 – 47.

FLAUZINA, A. L. P. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: [s.n.], 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GODINHO, A. C. F.; JULIÃO, E. F. Remição de pena pela leitura no Brasil: o direito à educação em disputa. **Educação Unisinos, UNISINOS** - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 25, p. 1–16, abr. 2021. ISSN 2177-6210.

GUIMARÃES, A. S. A. Cor e raça - raça, cor e outros conceitos analíticos. **Raça: novas perspectivas antropológicas**, p. 63 – 82, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective. Tradução de: Laurent Léon Schaffter.

HOOKS, B. **Olhares Negros: Raça e Representação**. São Paulo: [s.n.], 2019. Tradução de Stephanie Borges.



HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: 21 [s.n.], 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2015.

KLEIMAN, A. B.; SANTOS-MARQUES, I. B. d. A. Letramentos de mulheres sobreviventes do sistema prisional em processo de remição de pena: Uma perspectiva decolonial. **Education Policy Analysis Archives**, Mary Lou Fulton Teacher College, v. 31, Maio 2023. ISSN 1068-2341.

MACACARI, O. **Punir e remir: as dinâmicas que permeiam o direito à remição da pena através da leitura no sistema prisional brasileiro**. 2023. (Dissertação) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

MAGNANI, J.G.C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, p. 285 – 298, 1993.